

ANÁLISE VARIACIONISTA DA EPÊNTESE VOCÁLICA MEDIAL NA AQUISIÇÃO DE INGLÊS COMO L2

Luana Anastácia Santos de Lima

Rubens Marques de Lucena

RESUMO:

O presente trabalho investiga a ocorrência da epêntese vocálica medial (object > ob[i]ject) na produção oral de aprendizes brasileiros de inglês como L2. A partir de uma metodologia sociolinguisticamente orientada, investigamos a produção de 18 aprendizes submetidos a leituras de frases e textos em língua inglesa. Os dados foram submetidos a uma análise estatística, utilizando o GoldVarb X.

PALAVRAS-CHAVE: Epêntese vocálica medial; aquisição de L2; variação linguística.

Introdução

Ao longo dos anos de 1960 e 1970, verificou-se um significativo desenvolvimento do estudo quantitativo da variação linguística e da investigação sistemática da aquisição de L2. Conforme aponta Preston¹ (1996), a primeira análise variacionista, nos moldes labovianos, a partir de estudos de aquisição de língua estrangeira foi realizada por L. Dickerson² (1974) e

¹ PRESTON, Dennis R. Variationist perspectives on second language acquisition. In: BAYLEY, Robert; PRESTON, Dennis R., *Second language acquisition and linguistic variation*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, 1996.

² DICKERSON, Lonna. *Internal and external patterning of phonological variability in the speech of Japanese learners of English: toward a theory of second language acquisition*. Urbana-Champaign: University of Illinois. Tese de doutorado. 1974.

W. Dickerson³ (1976). Esses trabalhos mostraram que, ao menos, dois princípios variacionistas poderiam ser aplicados aos dados de aquisição de L2: 1) que o contexto linguístico pode prever a ocorrência de variação; 2) que o tratamento longitudinal dos dados revela o progresso da mudança linguística (no caso específico desse tipo de aquisição, mudança no indivíduo, ao invés do sistema).

Nesse sentido, a motivação para a convergência dessas duas áreas de estudo encontra-se no objetivo comum entre ambas de entender o comportamento das variáveis linguísticas, bem como de compreender o sistema que é construído pelo aprendiz de uma L2. Os estudos de aquisição que combinam, entre outros métodos, análises variacionistas podem fornecer um melhor entendimento a respeito de como os aprendizes adquirem recursos necessários para manipular efetivamente a estrutura da L2, destacando, sobretudo, o possível contato entre os dois sistemas.

Segundo Ellis⁴ (1985), os mesmos tipos de variação presentes nas línguas naturais também estão evidentes na interlíngua. Embora não haja nenhuma diferença de tipo, há uma diferença em grau: a variação é extensiva na interlíngua. Para o referido autor, fica claro que o processo de aquisição está relacionado com a variação na interlíngua. Em primeiro lugar, porque o aprendiz aos poucos expande o leque contextual das formas que adquiriu, ao dominar seu uso em contextos estilísticos e linguísticos; em segundo lugar, porque ele aos poucos resolve a “variação livre” que existe na interlíngua ao desenvolver uma relação entre forma e função.

Assim, tais subsídios teóricos em parceria podem, provavelmente, encontrar explicações sobre algumas construções realizadas pelos aprendizes ao produzirem segmentos de outra língua, motivadas, sobretudo, por fatores sociais. A esse respeito, Bayley & Lucas⁵ (2007) reconhecem que abordagens variacionistas têm estabelecido parcerias teóricas bem sucedidas com estudos de aquisição de L2, em que fatores sociais e linguísticos são detalhadamente analisados, o que mostra que o entrosamento de ambas as áreas tem se mostrado bem produtivo para os estudos que as têm como teorias norteadoras.

³ DICKERSON, Wayne. The psycholinguistic unity of language learning and language change. *Language learning* 26: p. 215-31.

⁴ ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

⁵ BAYLEY, Robert; LUCAS, Celi. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. New York: Cambridge University Press, 2007.

Em se tratando do português brasileiro (PB), temos, entre outros fenômenos que ilustram o processo de transferência da língua materna para a L2, a epêntese vocálica, responsável por estabilizar a produção acústico-articulatória de encontros consonantais constituídos por codas complexas, os quais, para serem produzidos de acordo com a fonotática do português, precisam estar apoiados em uma vogal. Assim, os aprendizes tendem a repetir na L2 o que é aplicado na L1, evidenciando a influência que um sistema linguístico exerce sobre o outro.

Selinker⁶ (1992) aponta que a transferência de elementos da língua materna na aquisição de uma L2 é um dos fenômenos mais estudados no campo de aquisição. De acordo com o referido autor, o papel da L1 do falante, neste contexto, é de suma importância para a estrutura da interlíngua que o falante constrói. Na verdade, ele funciona como um processo cognitivo de seleção onde algumas estruturas são mais passíveis de ser transferidas que outras.

A partir desta constatação, o presente artigo analisa o fenômeno da epêntese vocálica medial nas produções de aprendizes brasileiros de inglês como L2 que tenham o falar paraibano como dialeto materno. Optou-se por esse fenômeno pelo fato de que as duas línguas apresentam um comportamento bastante diverso com relação à coda silábica. Enquanto o PB apresenta um inventário de coda muito limitado, o inglês é bastante permissivo quanto a essa posição. De fato, o português admite em coda apenas os segmentos sub-especificados /N/, /S/, a lateral /l/, a vibrante e os glides. Isto é, a sílaba em português só admite codas com os traços [-vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal]. Além disso, trabalhos sociolinguísticos sobre os dialetos brasileiros comprovam que até mesmo esses travamentos permitidos têm comportamento variável, admitindo uma gama de fenômenos, tais como a semivocalização e o apagamento.

Pretende-se, nesta perspectiva, investigar em que medida esses aprendizes inserem vogais entre encontros consonantais no inglês como L2, de forma a produzir construções do tipo object > ob[i]ject.

⁶ SELINKER, Larry. *Rediscovering Interlanguage*. London; New York: Longman, 1992.

Diversos estudos tratam da investigação deste fenômeno (PEREYRON⁷, 2008; SCHNEIDER⁸, 2009; LUCENA & ALVES⁹, 2010). No entanto, a maior parte desses trabalhos observou dados de dialetos maternos da região Sul do Brasil, com exceção da pesquisa realizada por Lucena & Alves (2010) que abrange *corpora* do Rio Grande do Sul e da Paraíba. A escassez de estudos sobre a influência de dialetos maternos de outras regiões do país na aquisição de L2 despertou o interesse de desenvolver um estudo analítico do comportamento da epêntese vocálica medial a partir de um dialeto específico do Nordeste brasileiro.

Nosso trabalho procura responder, portanto, às seguintes questões norteadoras:

1) Quais os fatores externos e internos envolvidos na inserção vocálica medial por parte de falantes brasileiros de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno?

2) O nível de proficiência do idioma é responsável por padrões de saída menos dependentes do sistema da língua materna?

3) O comportamento observado em aprendizes cujo dialeto materno é o falar paraibano se mostra muito distinto do comportamento observado em aprendizes de outras regiões do Brasil?

Considerada a importância da L1 na evolução dos aprendizes de L2, fica evidente a necessidade de uma análise teórica da interferência da língua de partida para um entendimento mais completo do processo de aquisição fonológica de um segundo código. Acreditamos ainda que a compreensão desse processo poderá ajudar também na melhoria de materiais didáticos que auxiliem o professor de línguas a trabalhar melhor questões de transferência entre códigos distintos.

⁷ PEREYRON, Letícia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

⁸ SCHNEIDER, André. *A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

⁹ LUCENA, Rubens; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês: uma análise variacionista*. Letras de Hoje, v. 45, p. 35-42, 2010.

1. A epêntese vocálica

A epêntese é um fenômeno redundante, tendo em vista que o falante tende a inserir um elemento fonológico que não acrescenta nenhuma informação relevante. Essa inserção é particularmente comum na adaptação de vocábulos de uma língua para a outra (empréstimos), quando suas regras fonotáticas não permitem uma determinada sequência de sons, ou mesmo quando um falante está lidando com outra língua fonotaticamente diferente de seu idioma nativo.

De acordo com Coutinho¹⁰ (1976), a inserção vocálica no português remonta à estrutura do latim, perpassando pelo português arcaico, como é possível observar nos exemplos *gruppa* > *garupa*; *bratta* > *barata*; *fevrairo* > *fevereiro*, nos quais a epêntese desfaz o grupo de consoantes através da intercalação de uma vogal.

Bisol¹¹ (1999, p. 735) também advoga esta perspectiva, afirmando que a epêntese é um processo vivo que se estende do latim vulgar a nossos dias, tendo alguns exemplos nítidos da consagração desta vogal na escrita. A supracitada autora entende a epêntese como parte do mecanismo desse processo de silabação, compondo os níveis lexicais e pós-lexicais, e que se faz responsável, motivada pelo princípio do licenciamento prosódico, pelo preenchimento dos nós vocálicos por meio do que a mesma determina como “default” ou assimilação, de forma a configurar a sílaba para não violar os princípios universais ou convenções de determinadas línguas.

Câmara Jr.¹² (1969) já havia observado que, em palavras como *admitir*, *apto*, *técnica*, há, na língua oral coloquial, a emissão de uma vogal [i] entre as consoantes, não representada na escrita e que a pronúncia culta procura reduzir.

A literatura da área, portanto, tem mostrado que a epêntese vocálica é uma estratégia bastante usada no português brasileiro, a qual acaba, também,

¹⁰ COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. p. 67.

¹¹ BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 735.

¹² CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva*. 6ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

sendo adotada por aprendizes de inglês como L2, que realizam produções do tipo empty > emp/i/ty, object > ob/i/ject, advise > ad/i/vise, caracterizando um processo de transferência da L1.

A epêntese, portanto, funciona justamente como um dos fenômenos fonológicos variáveis que bem representam este processo de transferência da L1 para L2, a qual se evidencia na produção de falantes aprendizes sob a forma de interlíngua. Vale salientar que esta interlíngua emerge, principalmente, nos anos iniciais de aquisição da L2, caracterizando-se como uma estratégia para adequar a estrutura silábica do inglês à do português brasileiro, tendo em vista que o molde silábico de ambas as línguas são diferentes.

De acordo com as pesquisas realizadas por Schneider (*op.cit.*) “a realização da epêntese na interlíngua parece indicar, portanto, que o processo de aquisição do inglês como L2 faz uso das mesmas condições de boa-formação para sílaba presentes na L1 (PB)”, uma vez que a língua inglesa, em si, licencia determinados elementos que não são bem aceitos no PB em posição de coda.

Todavia, à medida que o aprendiz segue aprimorando seu grau de maturidade linguística em relação à L2, este falante-aprendiz passa a desenvolver certa consciência de que fenômenos como esses se distanciam, em algum ponto, da produção alvo. Assim, essa consciência adquirida pelo aprendiz o fará construir, cognitivamente, meios de internalizar traços mais semelhantes ao falar nativo¹³.

Nesse sentido, Alves (2009¹⁴, p. 210) esclarece que a noção de consciência fonológica se faz importante porque envolve o reconhecimento não somente do sistema alvo em si, mas também de processos de transferência da L1 para a L2, que distanciam a produção daquela tida como semelhante ao falar nativo. Dessa forma, segundo o autor, a manipulação de certas habilidades estratégicas, como evidenciar o número de sílabas das palavras da L2, por exemplo, auxilia a impedir a produção de epênteses vocálicas indevidas.

¹³ Devemos destacar que, neste trabalho, a utilização do termo “nativo” não implica desconsiderar a variação linguística inerente à interlíngua e à L2.

¹⁴ _____. Consciência dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, Regina Ritter [et al.]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

2. Metodologia e caracterização das variáveis

Para realizar a coleta de dados que nos forneceu o material para analisar o comportamento da epêntese medial entre os aprendizes de inglês como L2, contamos com a participação de 18 informantes. Os participantes da pesquisa eram alunos de instituições superiores públicas (Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Universidade Estadual da Paraíba – UEPB), sendo 12 do curso de Letras, 2 do curso de Administração, 1 do curso de Psicologia, 1 do curso de Biologia, 1 do curso de Direito e 1 do curso de Odontologia.

Todos os informantes foram submetidos ao *Oxford Placement Test* (ALLAN¹⁵, 2004), que certificou o nível de proficiência linguística dos informantes participantes da pesquisa. O referido teste é composto de 100 questões relacionadas à compreensão auditiva do aprendiz (*listening test*) e mais 100 questões relativas ao conhecimento gramatical do mesmo (*grammar test*), totalizando 200 questões.

Após serem agrupados por níveis, cada um dos informantes foi submetido à leitura de material em L2, que contemplava construções nas quais era possível ocorrer o fenômeno da epêntese. As palavras foram inseridas em frases-veículo em L2 (*The word is...*) e apresentadas aos informantes através de *slides* exibidos no aplicativo *PowerPoint*.

As palavras eram constituídas por codas com obstruintes labiais /p/, /b/, coronais /t/, /d/ e dorsais /k/, /g/. Para cada segmento, foram escolhidas 4 palavras, totalizando 24 vocábulos. Também foram inseridas 6 palavras distratoras. Foram elaborados, também, pequenos textos envolvendo os vocábulos citados, para que pudéssemos investigar a influência de contextos maiores na produção da epêntese. Desse modo, considerando as 24 palavras constituintes do *corpus*, fizemos a distribuição de 8 palavras em três textos. No total, o *corpus* foi composto da leitura de 90 frases e 3 textos em L2, por falante.

Nessa amostra, seguiu-se a técnica da seleção aleatória estratificada com base no sexo dos informantes (feminino e masculino) e no nível de proficiência na L2 dos mesmos (básico, intermediário e avançado).

¹⁵ ALLAN, Duff. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

As leituras das frases e textos foram gravadas com o auxílio do software *Audacity 1.3 Beta* (MAZZONI¹⁶, 2011). Após a coleta, todos os dados foram submetidos à análise acústica, através do software *Praat 5.0.25* (BOERSMA & WEENINK¹⁷, 2008). Realizada a análise acústica, os dados receberam tratamento variacionista pelo software *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH¹⁸, 2005).

Para fins de melhor controle do fenômeno, dividimos as variáveis independentes em linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas foram especificadas a partir de trabalhos realizados anteriormente – Pereyron (*op. cit.*), Schneider (*op. cit.*) e Lucena & Alves (*op. cit.*), verificando se as mesmas se fazem relevantes para a manutenção ou inibição do fenômeno e em que medida isto se aplica. As variáveis controladas foram:

a) *contexto fonológico precedente*: refere-se ao segmento consonantal que se encontra em posição de coda travando a sílaba, antecedendo a vogal epentética, quando esta ocorre. Para tanto, analisamos os contextos *labiais* /p/, /b/, *coronais* /t/, /d/ e *dorsais* /k/, /g/. Assim, utilizamos palavras como *empty*, *compartment* e *victim*. Trabalhos anteriores como os de Pereyron (*op. cit.*) e Schneider (*op. cit.*), por exemplo, mostram, de forma semelhante, que o contexto dorsal, especificamente a oclusiva dorsal /g/, é o que mais propicia a ocorrência de epêntese, apresentando altas taxas de produções de inserção vocálica.

b) *contexto fonológico seguinte*: refere-se ao segmento consonantal que se posiciona logo após a consoante em coda, quando não ocorre o fenômeno da epêntese, ou após a vogal epentética, quando o fenômeno é aplicado. Assim, os segmentos analisados foram: *labiais* /v/, /m/, *coronais* /t/, /d/, /s/, /ʒ/, /ʃ/, /n/ e *dorsal* /k/. Os estudos empreendidos nesta perspectiva – Pereyron (*op. cit.*) e Schneider (*op. cit.*) mostram que os contextos coronais, em ambos, lideraram os índices de inserção vocálica, como em [n], [s], [ʒ], sendo seguidos das labiais [f], [v], [m].

¹⁶ MAZZONI, Dominic. *Audacity, v. 1.2.6 [programa de computador]*. Acessado em 4/12/2011, em <<http://audacity.sourceforge.net/>>.

¹⁷ BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT – Doing phonetics by computer – version 5.0.25*. 2007.

¹⁸ SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

c) *tipo de instrumento*: foram utilizadas leitura de frases e leitura de textos a fim de coletar dados para análise. Na análise empreendida por Peyron (*op. cit.*), controlou-se a variável tipo de instrumento, embora a mesma não tenha sido selecionada em nenhuma rodada da análise perceptual. Sua hipótese para esta variável era a de que a aplicação da epêntese fosse menor em dados provenientes da lista de palavras, já que esta acarreta uma produção mais elaborada, na qual o falante-aprendiz encontra-se atento ao que está lendo.

As variáveis extralinguísticas controladas foram:

a) *sexo*: há uma série de trabalhos consistentes de caráter variacionista que associam a variável sexo a questões linguísticas (PAIVA¹⁹, 2003; LABOV²⁰, 2008 [1972]) e que trabalham com essa variável na perspectiva de que as mulheres lideram o uso da forma padrão, mostrando-se sensíveis às formas de prestígio. Já os homens, por outro lado, mostram-se propensos a liderarem o uso de formas desprestigiadas. Labov (*op. cit.*, p. 281) advoga, neste sentido, que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. No caso do nosso trabalho, seguimos os procedimentos adotados por Lucena & Alves (*op. cit.*), que associaram a forma padrão a variantes mais aproximadas à produção nativa, isto é, sem a realização da epêntese.

b) *nível de proficiência na língua*: esta variável contempla três níveis de proficiência do informante – básico, intermediário e avançado, com o objetivo de verificar em quais desses níveis o aprendiz aplicará mais a regra da epêntese. Os dados de análise dos trabalhos de Lucena & Alves (*op. cit.*) revelam que o nível de proficiência dos informantes foi selecionado como uma das variáveis relevantes nas rodadas realizadas. Seus resultados mostram que quanto mais básico o nível de proficiência do aprendiz, mais próximas as suas produções serão do sistema da L1.

¹⁹ PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

²⁰ LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

3. Resultados

Foi coletado um total de 1610 ocorrências, entre as quais 237 são de aplicações da inserção silábica na aquisição de inglês como L2, apresentando um percentual de 14,7%, e 1373 de não aplicação, com um percentual de 85,3%. Os valores são próximos aos coletados por outros trabalhos, como o de Schneider (*op. cit.*), realizado no Rio Grande do Sul. Em sua análise, o referido autor também constatou um pequeno índice de aplicação do fenômeno (15,5%), sendo levemente maior que o nosso.

A princípio, os dados revelam o baixo índice de aplicação de epêntese por falantes paraibanos de inglês como L2. Isto, de certa forma, demonstra a maturidade das estruturas apreendidas em inglês, contrariando nossas expectativas acerca dos resultados. De fato, esperávamos um forte indício de transferência de elementos da L1 para a L2 ou percentuais equiparados de aplicação e não aplicação, em que o aprendiz apresentaria um sistema de interlíngua mais próximo da L1.

Cabe aqui comparar estes resultados aos encontrados por Lucena & Alves (*op. cit.*) em uma análise comparativa do mesmo fenômeno na Paraíba e no Rio Grande do Sul, em que os autores obtiveram em seus dados uma frequência global de 46% referente à aplicação e 54% de não aplicação do fenômeno por falantes paraibanos de inglês como L2, ou seja, um percentual de aplicação inferior ao percentual de não-aplicação, porém em uma proporção mais equilibrada.

No entanto, o estudo de Lucena e Alves foi realizado com a produção de aprendizes apenas do nível básico, o que explica, provavelmente, a ocorrência de resultados tão equiparados de manutenção de epêntese e de coda (46% e 54%, respectivamente), indicando que esses aprendizes possuem um sistema de interlíngua ainda em desenvolvimento, motivando uma maior incidência da influência da L1 na L2.

Abaixo, estão relacionadas as variáveis independentes submetidas à análise e as selecionadas pelo programa estatístico:

Quadro 1 – Fatores selecionados na rodada

Fatores controlados	Fatores selecionados
sexo	proficiência na língua
proficiência na língua	contexto fonológico seguinte
tipo de instrumento	contexto fonológico precedente
contexto fonológico seguinte	–
contexto fonológico precedente	–

Apenas três das variáveis controladas foram selecionadas como relevantes para os dados de L2 – proficiência na língua, contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente, sendo essas o foco da discussão que levantamos a seguir.

A variável *proficiência na língua* foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante na rodada dos dados. Nossa hipótese inicial para esta variável era de que quanto mais avançado o nível de proficiência do aprendiz na língua, menor o índice de aplicação de inserção vocálica nas produções desses falantes. A tabela a seguir mostra os valores encontrados para os dados dessa variável:

Tabela 1 – Proficiência na língua

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	104/521	20	0.62
Intermediário	99/533	18,6	0.60
Avançado	34/556	6,1	0.29
Total	237/1610	14,7	–

Input: .11

Significância: .004

Os resultados expostos na tabela acima demonstram que há um índice de aplicação de 20% e peso relativo de 0.62 para o nível básico, e um percentual de 18,6% e peso relativo de 0.60 para o nível intermediário, ao passo que aprendizes de nível avançado exibem um valor acentuadamente menor no percentual de manutenção do fenômeno que é de 6,1 % e peso relativo de 0.29. A partir dos dados expostos, percebe-se que os índices de aplicação do fenômeno são mais recorrentes entre aprendizes de nível básico e intermediário.

Os dados confirmam, portanto, que a ocorrência da epêntese vocálica está diretamente ligada ao nível de proficiência, conforme já esperávamos. Os resultados de outros trabalhos, tais como os de Alves²¹ (2008), também confirmam o que presumimos a partir de nossos dados, dado o fato de que o referido autor evidencia que processos como a epêntese vocálica são características dos níveis mais elementares de aquisição de L2.

Estes resultados ratificam a perspectiva de que, em estágios iniciais, os aprendizes ainda estão recebendo os *inputs* necessários para maturar cognitivamente as informações que estão recebendo sobre a L2. Assim, enquanto as informações não estiverem maturadas, a tendência natural é de que estes aprendizes se apoiem em construções advindas da L1, principalmente quando se encontram diante daquelas representadas por segmentos complexos de serem produzidos. Desta forma, vemos que o fenômeno da epêntese vocálica ilustra adequadamente esse processo a partir do qual *clusters* passíveis de serem encontrados apenas no inventário silábico do inglês e não do português apresentam uma estrutura que viola sua fonotática e tornam-se, por isso, difíceis de serem produzidos.

De acordo com Ré²² (2006), essa é uma situação inevitável, sobretudo quando se consideram os primeiros momentos de aprendizagem de uma L2, em que a língua de origem tende a aparecer de forma clara nas produções dos aprendizes, deixando vestígios de sua estrutura. No entanto, em se tratando de níveis mais avançados, temos aprendizes proficientes que geralmente exibem um nível de competência mais elevado na L2 e refutam construções mais próximas à L1 em suas produções. Logo, presume-se que o tempo de contato destes aprendizes com a L2 pressupõe competência para lidar com estruturas mais elaboradas, evitando ao máximo a transferência de elementos de L1 para L2.

Nossa discussão a respeito do comportamento desta variável vem, mais uma vez, corroborar os dados de trabalhos como os de Cardoso²² (2005), Pe-reyron (*op. cit.*), Schneider (*op. cit.*), dentre outros encontrados na literatura da área realizados sobre a influência do PB na aquisição de inglês como L2, confirmando o indício de que o nível de proficiência se mostra um importante

²¹ ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise pela via teoria da otimidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

²² CARDOSO, Walcir. *The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project: 2005. v. 19, p. 219-248.

fator estreitamente ligado à aplicação do fenômeno da epêntese vocálica nos dados de língua inglesa.

O *contexto fonológico seguinte* foi o segundo fator selecionado pelo software *GoldVarb X* como relevante para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica. Levantamos a hipótese de que os contextos coronais e/ou labiais favoreceriam a manutenção da vogal epentética, mostrando-se como os mais propícios para o fenômeno.

Em seguida, serão expostos os resultados para os subfatores considerados nesta variável:

Tabela 2 – Contexto fonológico seguinte

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	115/419	27,4	0.70
Coronal	122/1191	10,2	0.42
Total	237/1610	14,7	–

Input: .11

Significância: .004

Como é possível observar na tabela, temos que o contexto labial sobrepõe-se ao coronal, exibindo um percentual de 27,4% e um peso relativo de 0.70 de aplicação da epêntese vocálica, ao passo que o coronal exibe um percentual de 10,2% e um peso relativo de 0.42.

O subfator dorsal foi excluído da rodada dos dados de L2 pela ocorrência de *knockout*, em que obtivemos 0 % de aplicação de epêntese vocálica nas quatro possíveis ocorrências do contexto dorsal [k] e [g]. Assim, pareceu-nos mais sensato, neste caso, proceder à eliminação desse fator, trabalhando apenas com os fatores labiais e dorsais.

Analisando os dados do quadro acima, procedemos à constatação imediata de que os fatores labiais são os mais influentes para manutenção da inserção vocálica. Como mencionamos nessas últimas rodadas, apesar de o contexto labial ter sido selecionado como o mais relevante, não se pode perder de vista que a maior parte dos contextos anteriores apresenta uma coronal em posição precedente, o que fortalece a tese de que elementos que possuem traços [+ coronal] oferecem um ambiente favorável para a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica.

Ecoando Bisol (*op. cit.*, p. 733), partimos do pressuposto de que o fe-

nômeno da epêntese vocálica caracteriza-se, em determinados contextos, pelo processo de expansão da coronalidade, no qual há o espraiamento do elemento da coda silábica, que preenche o núcleo vazio. Assim, o que ocorre é a incorporação de um novo elemento através da expansão da coronalidade, mecanismo esse que é o responsável pela criação da nova sílaba. De acordo com a referida autora, esse é o recurso preferido pelos usuários da língua portuguesa para desfazer os encontros consonantais complexos. Neste caso, a partir dos resultados que encontramos em nossos dados, podemos afirmar que os aprendizes utilizaram tal recurso para modificar os *clusters* encontrados na língua inglesa, a fim de facilitar a produção dos mesmos em L2.

Estes pontos elencados por Bisol retratam, em parte, os dados que obtivemos e a hipótese que levantamos, já que, mesmo não sendo formalmente selecionado, o contexto coronal se fez presente nos dados do contexto labial, o qual foi estatisticamente selecionado.

O fator *contexto fonológico precedente* foi a terceira e última variável estatisticamente selecionada pelo *GoldVarb X* como relevante para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica em L2. Para procedermos a sua análise, conforme estabelecido anteriormente, trabalhamos com os mesmos fatores – labial, coronal e dorsal, analisados em posição de coda. Formulamos nossa hipótese no sentido de que o fator dorsal seria o mais propício para a ocorrência da epêntese vocálica medial.

A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados para os fatores controlados:

Tabela 3 – Contexto fonológico precedente

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	49/562	8,7	0.40
Coronal	125/556	22,5	0.53
Dorsal	63/492	12,8	0.56
Total	237/1610	14,7	–

Input: .11

Significância: .004

Ao observar a tabela 3, percebemos que os dados obtidos nesta variável corresponderam à nossa expectativa, visto que já esperávamos encontrar

o fator dorsal como o mais favorável para a aplicação do processo de inserção vocálica, com um percentual de 12,8% de aplicação e peso relativo de 0.56.

O fator labial, todavia, se mostrou menos propenso à ocorrência da epêntese, revelando um percentual de aplicação de 8,7% e peso relativo de 0.40. O fator coronal, por sua vez, exibiu um percentual de 22,5% e peso relativo de 0.53.

Nossos resultados confirmam a hipótese de que o contexto dorsal precedente mostra-se como um ambiente mais favorável à epêntese vocálica medial, corroborando as constatações das pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul, também envolvendo a epêntese medial. Em Schneider (*op. cit.*), as dorsais, na posição precedente em língua inglesa, mostram-se intimamente relacionadas à epêntese medial.

No entanto, não se pode perder de vista que, mesmo não sendo selecionada como relevante, a coronal também se mostrou relativamente equiparada à dorsal em termos de aplicação do fenômeno, exibindo um peso relativo acima do ponto neutro, e ratificando a estreita relação que este fator estabelece com o fenômeno.

Assim, podemos afirmar que, em língua inglesa, as dorsais em posição de coda se mostram mais complexas de serem produzidas, passando a ser um dos últimos segmentos a serem adquiridos pelo aprendiz e o mais passível de ocasionar a ocorrência de vogal epentética. Huf & Alves²³ (2010) chegaram a resultados semelhantes aos nossos em sua pesquisa e afirmam que ocorrências de epêntese após dorsal parecem sugerir que a sequência /dorsal + coronal/ se mostra mais dificultosa para o aprendiz do que o encontro /labial + coronal/.

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo descrever como ocorre o fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 (língua inglesa) de forma a investigar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam a ocorrência da epêntese na fala de aprendizes paraibanos de inglês como L2.

²³ HUF, Júlia Carolina Coutinho; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A produção de /p/ e /k/ em codas simples e complexas do inglês (L2) por aprendizes gaúchos*: discussão a partir dos padrões acústicos encontrados. Verba Volant, v. 1, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010. p. 20.

Por se tratar de um trabalho sociolinguisticamente orientado, utilizamos uma metodologia de caráter quantitativo, a partir da qual coletamos dados de produção de 18 informantes.

A partir dos resultados obtidos, pode-se perceber que o fenômeno da epêntese medial não se sobressaiu em nossos dados, levando-nos a crer que a produção dos nossos informantes se mostrou em um estágio de desenvolvimento avançado, dispensando o uso da epêntese para desfazer as codas complexas.

É cedo para tecer qualquer constatação a respeito do fenômeno em estudo por parte de falantes paraibanos, mas já podemos tirar conclusões parciais, respondendo às questões a que nos propusemos no início do artigo. Com relação à primeira pergunta, podemos adiantar que o nível de proficiência na língua e os contextos fonológicos seguinte e precedente foram os fatores que mais influenciaram a inserção vocálica medial na fala dos aprendizes de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno.

De acordo com os dados obtidos, a variável *nível de proficiência na língua* foi o primeiro fator selecionado. Este fato confirmou nossas hipóteses de que o nível de proficiência do aprendiz é um importante fator que influencia no comportamento do fenômeno da epêntese, visto que, quanto mais avançado o nível de proficiência apresentado pelo aprendiz, menor a incidência de aplicação de inserção vocálica.

Em relação à variável *contexto fonológico seguinte*, o fator labial se sobressaiu em relação aos demais. Nossa hipótese foi confirmada parcialmente, já que esperávamos os fatores coronais e labiais como os contextos que exerceriam maior influência na ocorrência da epêntese vocálica. Através dos resultados encontrados, percebemos que, na maioria dos vocábulos em que tínhamos uma labial no contexto seguinte, presenciamos uma coronal na posição de coda, levando-nos a concluir que os traços coronais revelam traços favoráveis à aplicação do fenômeno.

Para a variável *contexto fonológico precedente*, os resultados encontrados confirmaram a hipótese de que o contexto dorsal precedente mostra-se como um ambiente mais favorável à epêntese vocálica medial. No entanto, o fator coronal também se manifestou favoravelmente em torno da aplicação do fenômeno. Este resultado ratificou o que encontramos na análise da variável anterior, salientando que o compartilhamento do traço coronal com os demais elementos vizinhos culmina na aplicação da epêntese vocálica.

De forma geral, também observamos algumas divergências entre o comportamento de algumas variáveis aqui relatadas em relação a outros trabalhos citados, sobretudo aos desenvolvidos no Rio Grande do Sul, e que merecerão um olhar mais atento em análises futuras.

Com relação à terceira pergunta, pudemos observar ao longo do artigo que o comportamento observado em aprendizes cujo dialeto materno é o falar paraibano não se mostrou distinto do comportamento observado em aprendizes de outras regiões do Brasil. De fato, o índice de epêntese ficou muito próximo ao encontrado em aprendizes gaúchos nos trabalhos aqui resenhados.

Esperamos, pois, que nosso estudo tenha somado aos outros já existentes, podendo, de alguma forma, contribuir para um mapeamento mais amplo não apenas do fenômeno da epêntese vocálica, mas do processo de transferência que ocorre durante o processo de aquisição de L2.

VARIABLE PATTERNS OF VOWEL INSERTION IN WORD MEDIAL CLUSTERS IN THE ACQUISITION OF L2 ENGLISH

ABSTRACT

This work aims at investigating the occurrence of vowel insertion in word medial clusters (object > ob[i]ject) in the speech of Brazilian learners of English as L2. A variationist methodology was used (LABOV, 1975; LABOV et al., 2006 [1968] and 2008 [1972]), with 18 informants who were asked to read sentences and texts in English. The speech data were recorded and codified in order to be statistically analyzed using GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

KEYWORDS: Vowel insertion in word medial clusters; L2 acquisition; linguistic variation.

Recebido em: 05/02/2013

Aprovado em: 12/08/2013